

RECENSÃO

COLER, RICARDO. (2008).

O REINO DAS MULHERES. O ÚLTIMO MATRIARCADO,

TRAD. CARLOS VIEIRA DA SILVA, LISBOA: QUETZAL EDITORES.

ISBN: 978-972-564-719-6

Teresa Toldy

CENTRO DE ESTUDOS CULTURAIS,
DA LINGUAGEM E DO COMPORTAMENTO (CECLICO)
UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

O que ando eu à procura? Uma sociedade com as mulheres a mandar permitir-me-á observar quais os aspectos femininos que se mantêm e quais os que se modificam com a mudança do sistema. Venho de uma sociedade historicamente patriarcal. Introduzir-me numa sociedade matriarcal poderá servir-me de orientação para saber o que acontece quando mudam as regras do jogo e se invertem as posições.

Tratar de compreender o modo de pensar de uma mulher talvez seja uma das razões por que pretendemos ter uma perto de nós.

Estas são as intenções da presente obra, da autoria de Ricardo Coler, um reputado fotógrafo (a obra inclui quarenta e uma belas fotografias) e jornalista argentino, fundador e director da revista cultural *Lamujerdemivida*, que nos apresenta o relato da sua viagem à sociedade Mosuo, na província chinesa de Loshui. Os Mosuo – uma comunidade actualmente, com cerca de vinte e cinco mil pessoas – são originários do Tibete, de onde emigraram, pouco antes do início da era cristã, para a região onde ainda se encontram no presente, e são uma sociedade matriarcal. O livro, pese embora tratar-se de uma peça jornalística, procura descrever os diversos aspectos da sociedade em causa com um olhar antropológico, nomeadamente, naquilo que diz respeito às relações familiares, de trabalho, à sexualidade, à política e às formas de exercício do poder.

Hospedado na casa de Yasi, a matriarca, que Coler descreve como uma mulher “surpreendentemente jovem, surpreendentemente atraente e surpreendentemente enérgica” (p. 25), o autor descreve a estrutura arquitectónica da habitação típica das aldeias Mosuo, na qual o fogo ocupa um lugar central. Sendo, obviamente, a zona da casa onde o calor está assegurado, é o espaço onde se cozinha, onde dormem as mulheres mais importantes do agregado, onde se tomam as refeições e onde se recebem as visitas. Numa sociedade matriarcal, é às mulheres que está entregue a responsabilidade de manter o fogo aceso – é uma tarefa que não partilham. A casa alberga também os apartamentos destinados às mulheres adultas da família. É neles

que decorre a sua vida amorosa, depois da iniciação das raparigas (também existem rituais de iniciação masculinos, embora Coler mencione que não são tão relevantes). Esta consta de um cerimonial em vários espaços (na casa, no templo, nas propriedades familiares), que inclui a entrega de vestuário e de adornos de mulher adulta, bem como orações aos antepassados e aos deuses. O vínculo amoroso entre os Mosuo consiste num “matrimónio não fixo” (“axia”), que, como Coler sublinha, se “assemelha muito pouco àquilo que no Ocidente chamamos casamento” (p. 27). O homem visita a mulher com quem combinou um encontro pela noite, de forma a garantir a discrição, pois é impensável que a vida sexual das mulheres do grupo se torne objecto de conversas masculinas. Estes encontros, com homens sucessivamente diferentes, manter-se-ão ao longo da vida, podendo existir maior estabilidade, se a mulher se apaixonar, mas nunca casamento (Cole transcreve uma entrevista com uma jovem na qual ela lhe diz: “Amor e parceiro certo são coisas incompatíveis. Para mim, o amor é o único laço que pode manter-me ligada a um homem. A minha cultura permite-me que o faça, sem me obrigar a ter outros aspectos em conta”, p. 70). As mulheres podem recusar uma visita, se esta não for do seu agrado. E o ciúme masculino é tido como vergonhoso, pois indicia sentimentos de propriedade por parte do homem.

Cole dedica uma boa parte do seu livro à descrição das relações entre homem e mulher na sociedade Mosuo, mas também à estrutura familiar, na qual os filhos varões são tidos como um peso, pois, embora as tarefas pesadas, como construção de habitações, por exemplo, sejam entregues aos homens, as tarefas agrícolas decisivas, ligadas à propriedade, cuja transmissão é matrilinear, cabem às mulheres. Para os Mosuo, a família são “todos aqueles que têm entre si laços de sangue directo e que convivem no mesmo edifício, a moradia do clã” (p. 42). A figura principal é a matriarca, a avó (cujo nome não pode ser pronunciado!) com quem vivem os filhos, a mãe e os irmãos, sejam homens ou mulheres. Os filhos das irmãs e os netos também pertencem à família. “Não há maridos. Os homens que não têm laços sanguíneos directos com a matriarca pertencem a outra casa e dormem debaixo de outro tecto” (idem). Os pais e avós são totalmente ausentes, por vezes, até desconhecidos. Os homens que habitam na casa da matriarca são os seus irmãos, tios e filhos. A ausência do pai não significa que os homens não se ocupem das crianças, isto é, dos sobrinhos, a quem dedicam carinho e atenção. O incesto é tabu. Poderia acontecer, dado que os pais não conhecem os filhos, mas as relações amorosas acontecem normalmente em pares com idades próximas, pelo que o risco está afastado.

Contudo, a autoridade máxima das aldeias Mosuo é sempre um homem – para espanto de Coler. É eleito por votação dos habitantes. As suas tarefas são poucas, mas importantes, sendo uma delas evitar a agressividade, tida como uma desonra, quer dentro, quer fora da família. Teria sido útil para a compreensão desta distribuição de poderes se Coler tivesse aprofundado mais a descrição das tarefas que cabem aos chefes de aldeias de uma sociedade em que são as mulheres a encarregar-se da família, da economia, da propriedade e da casa. Curiosamente, nas suas entrevistas a

mulheres, Coler recolhe a ideia de que, na perspectiva das mesmas, os homens “encarregam-se das grandes decisões”, como “comprar alguma coisa de maior envergadura, um touro, por exemplo, determinar o lugar onde se há-de viver, ampliar a casa, investir em mais terra” (p. 91). Mas, mais curioso ainda é o comentário da matriarca a propósito destas decisões: “Grandes decisões, oral, nada de grande importância, mas para isso os homens têm habilidade e tiram-nos um problema de cima” (idem). Nesta latitude, segundo Coler, o tempo das mulheres é um tempo “rápido, vivo, acelerado”, pleno dos trabalhos que estruturam a comunidade (fundamentalmente agrícolas e relacionados com o sustento da família), enquanto que o tempo dos homens é “ocioso, horizontal, excessivo”: é o tempo das “grandes decisões”.

Tal como os restantes povos da China, os Mosuo também tiveram de suportar as investidas de “normalização” do tempo de Mao-Tse-Tung. No caso dos Mosuo, isto significou pressões para o desmantelamento do matriarcado, nomeadamente, através da imposição da obrigação de casar, da discriminação dos filhos nascidos fora dos casamentos e da atribuição aos homens das tarefas tradicionalmente pertencentes às mulheres. Estas uniões duraram enquanto durou a pressão do regime, pois os Mosuo interpretavam-nas como uma violência, como diz uma das entrevistadas: “Nesse tempo, queriam que fossem os homens a tratar do dinheiro e a mandar na família das mães dos seus filhos. Mas o que tem um homem que fazer na família da mulher com quem teve filhos? Com que direito vai esse homem mandar nessa mulher?” (p. 133).

Embora fosse desejável um maior aprofundamento de alguns aspectos que contribuiriam para uma visão mais complexa da sociedade Mosuo – como a questão da existência ou não de controlo da natalidade, tema completamente ausente do livro; a questão da religião, tratada em pouquíssimas páginas genéricas, e a distribuição de poderes entre homens e mulheres, abordada demasiado “en passant” – o livro não deixa de atingir o objectivo enunciado em epígrafe, nem de dar voz à possibilidade de associação entre o matriarcado e a sensualidade. Uma das páginas mais belas da obra será, provavelmente, aquela em que Coler descreve a forma como uma jovem escova o cabelo na frente de um espelho:

O seu cabelo é preto e o cabo da escova é de prata. Ocorre-me então que, enquanto se penteia, repete os gestos da sua mãe e da mãe da sua mãe. Dir-se-á que, em secreta união com o espelho, esta mulher permanece em paz, ao mesmo tempo que executa o antigo ritual de fazer-se bela. (...) Daqui a poucos dias virei a saber o nome dela, Lie Jien, e saberei também que tem vinte anos e uma esperança. Agora está tranquila, mas depois, quando decidir que não volta a olhar-se no espelho, vai começar a esperar. Nessa altura, o tempo já não estará nas suas mãos. Resta-lhe então espreitar as sombras na sua janela e perguntar-se se o seu enamorado virá ou não. Estará à mercê de um homem, embora esse homem não o saiba (p. 29).